

NONO PASSO

Agora é hora de agir, pois acreditar sem agir é inútil. Vamos revisar os Oitavo e Nono Passos. Temos uma lista de todas as pessoas a quem causamos danos e estamos dispostos a reparar. Escrevemos essa lista ao fazer nosso inventário e nos submetemos a uma avaliação rigorosa. Agora, nos dirigimos às pessoas que prejudicamos no passado e buscamos reparar os danos causados. Estamos tentando limpar os destroços que se acumularam devido à nossa teimosia em seguir nossa própria vontade e liderar a vida à nossa maneira. Se ainda não estamos prontos para isso, pedimos para que a vontade nos seja concedida. Lembremo-nos de que, no início, concordamos em fazer o que fosse necessário para vencer o vício em álcool. Pode haver dúvidas ainda. Ao ver a lista de nomes das pessoas com quem tivemos problemas, podemos nos sentir desconfortáveis em abordá-los em termos espirituais, mas podemos ficar tranquilos. Em alguns casos, não é necessário nem aconselhável focar no aspecto espiritual ao abordá-los pela primeira vez, pois isso poderia gerar resistência. Por enquanto, nosso objetivo é organizar nossas vidas, mas isso não é o fim. Nosso verdadeiro objetivo é nos moldar para servir a Deus e aos outros ao nosso redor da melhor forma possível. Não é recomendável abordar uma pessoa que ainda esteja sob o efeito de uma injustiça que lhe cometemos para anunciar que agora seguimos princípios religiosos. Isso seria como baixar nossas defesas em um combate de boxe. Por que nos expor a ser considerados fanáticos ou chatos religiosos? Podemos perder uma oportunidade futura de transmitir a mensagem de forma benéfica. A pessoa precisa estar convencida do nosso sincero desejo de reparar os danos causados. Ela se interessará mais pela manifestação de boa vontade do que por conversas sobre descobertas espirituais. Não estamos usando desculpas para evitar falar de Deus. Se for apropriado e tiver um propósito positivo, estamos dispostos a falar sobre nossas convicções com tato e bom

senso. Surge o problema de como abordar alguém que detestamos. Talvez essa pessoa tenha nos prejudicado mais do que nós a ela, e mesmo que tenhamos melhorado nossa atitude em relação a ela, ainda não estamos prontos para admitir nossos erros. No entanto, se é alguém que não gostamos, nos empenhamos com determinação particular. Dirigimo-nos a um inimigo com espírito de ajuda e perdão, confessamos nosso antigo rancor e expressamos nosso pesar.

Em nenhuma circunstância criticamos a pessoa ou discutimos com ela. Simplesmente dizemos que nunca resolveremos nosso problema de bebida sem fazer todo o possível para corrigir nosso passado. Nosso objetivo é limpar nosso lado da rua, entendendo que não podemos fazer nada significativo sem realizar essa tarefa, e nunca dizendo à outra pessoa o que ela deve fazer. Não são os defeitos dela que estão em questão, mas os nossos. Se nossa atitude for calma, franca e aberta, ficaremos satisfeitos com o resultado. Na maioria das vezes, a pessoa admite sua culpa e as antigas animosidades se dissipam rapidamente. Raramente deixamos de fazer progresso satisfatório. Às vezes, nossos antigos inimigos elogiam nossas ações e nos desejam sucesso. Se alguém nos rejeitar, não devemos nos importar. Fizemos o nosso melhor e cumprimos nossa parte. O resto é passado.

A maioria dos alcoólicos tem dívidas. Não evitamos nossos credores. Ao explicar o que estamos tentando fazer, falamos abertamente sobre nossa maneira de beber, da qual eles têm conhecimento de qualquer maneira, quer queiramos ou não. Também não temos medo de revelar nosso alcoolismo sob o pretexto de que isso poderia nos causar dificuldades financeiras. Com essa abordagem, até o credor mais implacável às vezes pode nos surpreender. Tentando encontrar o melhor acordo possível, deixamos claro que estamos arrependidos. Nossa maneira de beber nos tornou lentos para pagar nossas dívidas. Precisamos perder o medo dos nossos credores custe o que custar, porque corremos o risco de beber se tivermos medo de enfrentá-los. Talvez tenhamos cometido um delito que nos teria levado à prisão se as autoridades soubessem. Podemos ter gasto dinheiro que não é nosso e não ter como repor. Já admitimos isso em confidência a outra pessoa, com a certeza de que seríamos presos ou perderíamos o emprego se fosse descoberto. Talvez seja apenas um delito

menor, como exagerar nas notas de despesa. A maioria de nós fez esse tipo de coisa. Talvez estejamos divorciados e tenhamos nos casado novamente, mas não tenhamos pago pensão à nossa primeira esposa. Por esse motivo, ela fica indignada e obtém uma ordem de prisão contra nós. Esse tipo de problema também é comum. Embora essas reparações possam assumir muitas formas, existem certos princípios gerais que nos orientam. Sempre mantendo em mente que decidimos fazer o que for necessário para ter uma experiência espiritual, pedimos força e orientação para agir corretamente, independentemente das consequências para nós. Podemos perder o emprego, nossa reputação ou enfrentar a prisão, mas continuamos a ter boa vontade. Deve ser assim. Não podemos recuar diante de nada. No entanto, geralmente há outras pessoas envolvidas. Portanto, não devemos nos tornar mártires apressados e imprudentes que sacrificariam desnecessariamente os outros para se salvar do abismo do alcoolismo. Conhecemos um homem que se casou novamente. Por ressentimento e devido ao álcool, ele não havia pago a pensão alimentícia à primeira esposa.

Ela ficou furiosa. Foi para o tribunal e conseguiu uma ordem de prisão contra ele. Ele tinha começado a viver nosso estilo de vida, conseguido um emprego e estava se reerguendo. Teria sido um gesto comovente de heroísmo se ele tivesse se apresentado ao juiz e dito: "Aqui estou eu". Pensamos que ele deveria estar disposto a fazer isso, se necessário, mas se estivesse na prisão, não poderia sustentar nenhuma das famílias. Sugerimos que escrevesse à primeira mulher, admitindo seus erros e pedindo perdão. Ele fez isso e também enviou uma pequena quantia de dinheiro. Explicou o que tentaria fazer no futuro e disse que estava disposto a ir para a cadeia se ela insistisse. Claro que ela não insistiu e a situação foi resolvida há muito tempo. Antes de tomarmos medidas drásticas que possam envolver outras pessoas, pedimos seu consentimento. Se o obtivermos, consultarmos outras pessoas, pedimos ajuda a Deus e se essa medida drástica for indicada, então não podemos hesitar.

Isso nos lembra a história de um dos nossos amigos. Quando ele bebia, aceitou uma quantia de dinheiro de um concorrente de negócios que odiava, sem lhe dar um recibo. Depois, negou ter recebido esse dinheiro e

aproveitou-se disso para desacreditar o concorrente, destruindo sua reputação. Com isso, o concorrente ficou arruinado. Ele sentiu que tinha feito tanto mal que não poderia repará-lo de forma alguma. Se ele reabrisse esse assunto antigo, tinha medo de destruir a reputação do seu sócio, desonrar a sua família e privá-los dos meios de subsistência. Qual o direito que ele tinha de envolver os que dependiam dele? Como poderia fazer uma declaração pública absolvendo seu rival? Depois de falar com a mulher e o sócio, ele concluiu que era melhor correr esses riscos do que comparecer diante de seu Criador com a culpa de uma difamação tão grave. Percebeu que precisava colocar os resultados nas mãos de Deus, ou começaria a beber de novo em breve e tudo estaria perdido de qualquer forma. Pela primeira vez em muitos anos, voltou à igreja. Depois do sermão, levantou-se calmamente e explicou o que tinha acontecido. Sua atitude foi amplamente aprovada e hoje ele é um dos cidadãos mais respeitados da cidade. Tudo isso aconteceu há muitos anos.

É muito provável que tenhamos problemas familiares. Talvez estejamos envolvidos com mulheres de uma forma que não gostaríamos que se tornasse pública. Duvidamos que os alcoólicos sejam piores nesse aspecto do que outras pessoas, mas a bebida realmente complica as relações sexuais em casa. Depois de alguns anos com um alcoólico, a mulher se cansa, fica ressentida e pouco comunicativa. Como poderia ser diferente? O marido começa a se sentir solitário e com pena de si mesmo. Começa a procurar qualquer coisa além de álcool em clubes noturnos ou lugares semelhantes. Talvez tenha um relacionamento secreto e emocionante com a "garota que o entende". Com toda a franqueza, pode-se admitir que ela o entende, mas o que se pode fazer nessa situação? Um homem envolvido a esse ponto muitas vezes se sente consumido por remorsos, especialmente se for casado com uma mulher leal e corajosa que teve uma vida de inferno por sua causa. Geralmente, em qualquer caso, é preciso fazer alguma coisa. Se tivermos certeza de que nossa esposa não sabe de nada, devemos contar a ela?

Nem sempre, pensamos nós. Se ela souber de um modo vago que temos sido levianos, devemos contar-lhe tudo em pormenor? Sem dúvida que devemos admitir o nosso erro. Ela pode insistir e querer saber todos os

detalhes. Ela querera saber quem é a mulher e onde está. Sentimos que lhe devemos dizer que não temos o direito de implicar outra pessoa.

Lamentamos o que fizemos e, com a ajuda de Deus, não voltará a acontecer. Mais do que isso não podemos fazer; não temos o direito de ir mais longe. Embora possa haver exceções que tenham justificação, e mesmo não sendo nossa intenção definir qualquer tipo de regra, esta parece ser a melhor atitude a tomar.

O nosso modo de vida não é uma rua de sentido único. Aplica-se tanto à mulher como ao marido. Se nós podemos esquecer, também ela pode. É preferível, contudo, não mencionar inutilmente o nome de uma pessoa que seria objeto do seu ciúme.

Pode haver alguns casos em que seja necessária a maior franqueza. Ninguém de fora pode avaliar uma situação tão íntima. Pode dar-se o caso em que ambos decidam que a via do bom senso e da bondade com carinho seja o melhor para deixar o passado para trás. Cada um pode rezar para que isso aconteça, tendo em vista antes de mais a felicidade do outro.

Devemos ter sempre presente que estamos a lidar com a mais terrível emoção humana - o ciúme. Como boa tática, pode decidir-se que o problema seja atacado pelo flanco em vez de se arriscar um combate frente a frente.

Se não tivermos problemas deste género, temos muito que fazer em casa. Por vezes ouvimos um alcoólico dizer que a única coisa que precisa é manter-se sóbrio. Certamente que terá de se manter sóbrio, porque de outro modo não haverá família para ele, mas ele tem ainda muito que fazer para conseguir compensar a mulher ou os pais que maltratou durante anos.

A paciência das mães e das mulheres para com os alcoólicos ultrapassa toda a compreensão. Se não fosse este o caso, muitos de nós já não teríamos lares ou estaríamos possivelmente mortos.

O alcoólico é como um furacão destruidor que passa pela vida dos outros. Corações ficam despedaçados. Morrem as relações mais ternas. Laços de

afeto quebram-se pela raiz. Hábitos egoístas e irrefletidos mantêm a casa num alvoroço. Achamos que é uma irresponsabilidade dizer-se que basta deixar de beber. É como a atitude do camponês que sai do seu abrigo depois do ciclone para encontrar a casa em ruínas e diz à mulher: "Não se passou nada de especial. Não é formidável que o vento tenha parado?" Com efeito, há um longo período de reconstrução à nossa frente. Somos nós que temos de tomar a iniciativa. Não basta dizer que sentimos remorsos e lamentamos o passado. Temos de reunir toda a família e analisar com sinceridade o passado como o vemos agora, tendo muito cuidado em não a criticar. Os seus defeitos podem ser evidentes, mas é provável que sejamos em grande parte responsáveis por eles. Dessa forma, "limpamos a casa" com a família e, todas as manhãs, em nossa meditação, pedimos ao nosso Criador que nos mostre o caminho da paciência, tolerância, bondade e amor.

A vida espiritual não é uma teoria. Temos de vivê-la. A menos que a nossa família mostre vontade de viver segundo princípios espirituais, achamos que não devemos impor-lhe esses princípios. Não devemos estar sempre a falar-lhes de assuntos espirituais. A seu tempo mudarão. O nosso comportamento será mais convincente do que as nossas palavras. Temos de nos lembrar de que dez ou vinte anos de bebedeiras tornam qualquer pessoa céptica. Pode haver certos danos que nunca poderão ser completamente reparados. Não nos vamos preocupar com isso se pudermos honestamente dizer a nós mesmos que faríamos as reparações se pudéssemos. Às pessoas que não podemos contatar pessoalmente, enviamos uma carta sincera. Em certos casos, pode impor-se um adiamento por razões que se justifiquem. Mas, sempre que possível, evitamos adiar situações. Devemos dar provas de sensatez, de tato, de consideração e humildade sem nos mostrarmos servis nem submissos. Como filhos de Deus, andamos de cabeça erguida; não rastejamos perante ninguém.

Se nos empenharmos nesta fase do nosso crescimento, ficaremos surpreendidos antes de chegarmos a meio do caminho. Vamos conhecer uma nova liberdade e uma nova felicidade. Não vamos lamentar o passado nem querer fechá-lo no esquecimento. Iremos compreender o sentido da palavra serenidade e conhecer a paz. Mesmo que tenhamos descido muito

baixo, veremos como a nossa experiência pode ser benéfica para outros. Os sentimentos de inutilidade e de autopiedade vão desaparecer. Vamos perder interesse pelas coisas egoístas e adquirir interesse pelos outros. A ambição pessoal irá atenuar-se. A nossa atitude global e o modo de olhar para a vida irão mudar. O medo das pessoas e da insegurança económica vai deixar-nos. Saberemos intuitivamente como lidar com situações que nos costumavam deixar desorientados. Perceberemos de repente que Deus está a realizar por nós o que não conseguíamos fazer por nós próprios.

Estas promessas são extravagantes? Achamos que não. Estão a cumprir-se entre nós, umas vezes depressa, outras mais devagar. Acabarão sempre por se concretizar se trabalharmos para isso.

Nota do Tradutor: O conteúdo deste texto foi originalmente publicado no site oficial de Alcoólicos Anônimos (AA.org) em inglês. A tradução para o português foi realizada por membros de A.A. do Brasil. Sobre as elucidações relacionadas ao alcoolismo, foram adicionadas referências da dependência e adicção por drogas no contexto que as utilizam com consentimento dos autores à época para utilização gratuita do conteúdo no trato de outras dependências. A autoria do conteúdo pertence aos autores originais do AA.org.

Fontes:

- https://www.aa.org/sites/default/files/2021-11/en_bigbook_chapt6.pdf
- Proofed - Referencing Translated Sources (APA, MLA, and Chicago)
- EndNote 20/21 Guide - Inserting and editing an in-text citation

Para adquirir o livro completo acesse o link abaixo:

https://www.amazon.com.br/Alco%C3%B3licos-An%C3%B4nimos-Alcoholics-World-Services-ebook/dp/B08241GHBN/ref=pd_sim_d_sccl_2_1/134-9861219-4801239?pd_rd_w=IHXVD&content-id=amzn1.sym.ce046315-1c04-4597-8eba-e706276d1412&pf_rd_p=ce046315-1c04-4597-8eba-e706276d1412&pf_rd_r=DQFQBD329JRZ3DW0GEPG&pd_rd_wg=gsbdM&pd_rd_r=54ecc0ac-23cd-4289-9caa-c732720dc7b0&pd_rd_j=B08241GHBN&psc=1

Copyright © 1952, 1953, 1981 by AA Grapevine, Inc.
and Alcoholics Anonymous Publishing
(now known as Alcoholics Anonymous World Services, Inc.)

All rights reserved
First Printing, April 1953

This is A.A. General Service Conference-approved literature.

Reformatted and footnoted June 2021 in accordance
with Advisory Actions of the 71st General Service Conference.

Mail address:
Box 459, Grand Central Station
New York, NY 10163

www.aa.org

Alcoholics Anonymous® and A.A.® are registered trademarks
of Alcoholics Anonymous World Services, Inc.

ISBN 978-0-916856-01-4

Library of Congress Catalog Card No. 53-5454

Printed in the United States of America